

### **Muito prazer, Preventório**

Uma experiência educomunicativa

**Nome:** Colégio Estadual Maria Pereira das Neves

**Localização:** Comunidade do Preventório, bairro de Charitas, Niterói, RJ

**Ano de fundação:** 1965

**Número de alunos:** 1.100

**Séries:** 1º ao 9º ano (ensino fundamental e EJA), 1º ano (ensino médio)

*“A comunidade do Preventório tem vários problemas. (...) No lado em que eu moro são duas caçambas de lixo. É tanto lixo que fica mais fora da caçamba do que dentro! As ruas são esburacadas, as fiações estão emboladas. (...) Eu só vejo uma solução: a colaboração dos moradores e uma boa ajuda do governo. Com essa união, com certeza construiremos uma comunidade bonita e feliz.”*

Com esse texto, Felipe Mizael, aluno do oitavo ano do Colégio Estadual Maria Pereira das Neves, termina sua redação. O tema proposto, “Qualidade de vida no Morro do Preventório”, nomeia também o projeto político-pedagógico da escola em 2007, que discutiu e analisou a situação de vida na comunidade em que se insere a instituição e vive a maior parte dos seus alunos. Além de aproximar a realidade escolar do cotidiano dos estudantes, o projeto teve outro mérito: foi o primeiro elaborado efetivamente de forma coletiva, pelo conjunto de professores, equipe técnica e direção.

- No corre-corre diário das escolas, dificilmente você consegue reunir todos os profissionais para pensar um plano de trabalho. Muitas vezes o projeto político-pedagógico termina reduzido a um documento que cumpre uma função burocrática. Dessa vez fizemos diferente. Foi uma conquista - afirma a coordenadora pedagógica da escola, Regina Dayer.

Ela ressalta que a animação em torno da proposta foi tão grande que motivou a reativação das reuniões de planejamento para acompanhamento das atividades.

- Passamos a nos encontrar quinzenalmente. Cada reunião acontece num dia de semana diferente para permitir a participação de todos, já que a maioria dos professores trabalha em duas ou três escolas - explica Regina.

Segundo ela, o projeto significou discutir “o que é qualidade de vida para os adolescentes e crianças que estudam no C. E. Maria Pereira das Neves”.

Não é recente o interesse da escola pela comunidade do Preventório. Segundo a professora de história Lícia Mascarenhas, vários professores vinham pensando, de forma isolada, em como se aproximar da realidade dos alunos. Para ela – que participou da oficina para professores promovida pela Bem TV –, o projeto Educomunicar deu oportunidade à articulação desses desejos.

- No fim da oficina, precisávamos montar uma proposta de multiplicação do nosso aprendizado. Reunimos todos os professores, com ajuda da coordenação pedagógica, para saber o que a maioria das pessoas queria. Esse encontro nos ajudou a definir o que faríamos –

**Rua General Osório/49–São Domingos– Niterói – 3604-1500 – [www.bemtv.org.br](http://www.bemtv.org.br)**



um dia de oficinas intensivas nas áreas de vídeo, fotografia e jornal –, mas também proporcionou a troca de idéias. Decidimos nos encontrar mais vezes, e assim surgiu o nosso projeto político-pedagógico - diz ela.

Ficou definido que o primeiro bimestre seria dedicado ao resgate da história do Preventório e ao levantamento de dados sobre a situação de vida na região. Cada professor definiria o que e como produzir com os alunos. Muitos profissionais se uniram no desenvolvimento de uma proposta única. A professora de matemática Cristiana Junqueira aproximou-se da professora Tereza Machado, de ensino religioso, e ambas trabalharam com os alunos o perfil residencial e familiar da comunidade. Outro professor de matemática, Cícero Avelino, trabalhou em parceria com a professora de educação física Luciana Collier. Ela discutiu com as turmas de sétimo, oitavo e nono anos o significado e a prática dos exercícios físicos no Preventório, levantando com os alunos dados de biomecânica e biometria que serviram para a construção de tabelas e gráficos nas aulas de matemática ministradas por Cícero.

O resgate da história ficou a cargo da professora de artes, Alessandra Guerra, e dos alunos do nono ano do ensino fundamental e do primeiro ano do ensino médio.

- Quando surgiu o projeto sobre o Preventório, o primeiro passo era buscar a história pra passar para os alunos. Mas nem a gente sabia! Procurei na internet e descobri muita coisa interessante. Os alunos adoraram! – diz ela.

Segundo a professora, a partir das informações iniciais levadas para a sala de aula a colaboração dos alunos tornou-se constante.

- Eles trouxeram fotos antigas, histórias de seus familiares, relatos sobre o primeiro time de futebol, sobre o Preventório há trinta, quarenta anos - diz Alessandra.

Depois de coletadas as informações, os alunos reconstruíram com pinturas e desenhos a paisagem do Preventório na época em que começou sua ocupação (início do século XIX). Para Alessandra, a experiência teve impacto diretamente na auto-estima dos alunos.

- Nessa atividade, eles viram que sua comunidade tem uma história. Passaram a valorizar o lugar onde vivem e, automaticamente, sentiram-se melhor, mais importantes - conta a professora de artes.

Os painéis produzidos foram expostos na escola no final do primeiro bimestre, chamando a atenção de outros alunos e professores.

- Está bonito, né? - aprovou Vitor Hugo, aluno do quarto ano do ensino fundamental. Cercado por outras crianças, ele apontava na pintura os prédios que reconhecia. - Aqui é a Casa da Princesa - dizia, referindo-se à atual sede da Fundação para a Infância e Adolescência (FIA) de Charitas, que funciona na casa que, no século XIX, foi um hospital marítimo para abrigar doentes oriundos de navios que chegavam de quarentena à Baía da Guanabara.

No segundo, terceiro e quarto bimestres, outros produtos de comunicação serviriam para reunir e dar visibilidade (e portanto consequência) a toda a produção desenvolvida pelos alunos sob a orientação dos professores. A idéia era atingir, progressivamente, públicos mais amplos: primeiro a comunidade escolar (com o jornal mural), depois a comunidade do Preventório (com o jornal impresso) e por fim a sociedade como um todo (com a publicação de



conteúdos em um blog). Para a coordenadora pedagógica da escola, Regina Dayer, a comunicação surgiu como um elemento “estruturante” do trabalho.

- No final do primeiro bimestre, ficamos meio confusos para organizar e dar utilidade a tanta informação. A produção de mídia com os alunos nos ofereceu um caminho - lembra ela.

Embora tenha sido o “fio condutor” do trabalho nos três últimos bimestres, a comunicação já havia começado a ser usada na etapa do levantamento de dados. A professora de português Adriana Pimentel utilizou a fotografia para levantar informações sobre a comunidade.

- Primeiro a gente discutiu o conceito de “qualidade de vida”. Depois organizamos junto a outros professores uma visita pela comunidade. Subimos o morro e fotografamos. Os alunos eram os nossos guias - conta Adriana, que trabalha há 12 anos no Maria Pereira e “entrou” no Preventório pela primeira vez em 2007. - Eu tinha muita curiosidade de conhecer a comunidade e vi como os alunos ficaram orgulhosos em mostrar o lugar onde vivem.

A partir das fotografias, os alunos desenvolveram textos em sala de aula. A princípio analisando os problemas do Preventório. Depois, buscando identificar soluções.

- Vimos que algumas coisas não dependem deles, como a água ou o saneamento básico, mas os moradores podem dar conta de outras questões, como o lixo espalhado, por exemplo – explica a professora de português.

Gerar resultados concretos para a comunidade, aliás, foi uma preocupação sempre presente. Trabalhando com os alunos de EJA, o professor Cícero, de matemática, desenvolveu um questionário para levantar possibilidades de geração de renda cooperativada na região.

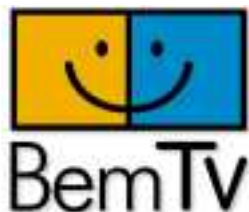
- O questionário deveria, a princípio, levantar dados sócio-econômicos da população. Aproveitamos para verificar se existiam chances de as pessoas fazerem alguma coisa juntas, com algum vizinho ou com alguém da escola, para aumentar a renda - explica o professor, que, a partir dessa iniciativa, conseguiu articular quatro alunas de EJA, uma mãe de aluno e dois casais de pescadores da comunidade vizinha (Jurujuba), em torno da produção de quinhentas pastas para um congresso de matemática organizado pela Universidade Federal Fluminense em Niterói.

Para os professores do Maria Pereira das Neves, também foi interessante vivenciar a conciliação entre os conteúdos obrigatórios e o desenvolvimento de um projeto. A idéia de fomentar ações de geração de renda, por exemplo, deu origem a exercícios na sala de aula do professor Cícero.

- Propus aos alunos uma situação: uma grande empresa fictícia queria encomendar cestas básicas para distribuir entre seus funcionários, e os alunos deveriam formar, em grupos, pequenas empresas que produziriam as tais cestas. Eles absorveram a verdade da brincadeira, levantaram preços em mercadinhos da comunidade, aprenderam regra de três, frações e proporções - explica ele.

Nas aulas de português, a professora Adriana também sentiu mais facilidade para alcançar os objetivos da disciplina.

- Ao produzir os textos, foi muito mais fácil exigir qualidade, cobrar grafia e gramáticas corretas, porque eles sabiam que aquele material ia ser de fato lido, utilizado e divulgado – analisa a professora.



### **O projeto e sua metodologia**

A equipe do C. E. Maria Pereira das Neves optou pela metodologia do projeto Educomunicar para desenvolver o trabalho sobre “Qualidade de vida no Preventório”. Isso não é exatamente uma novidade no campo da educação. A inovação no caso do Maria Pereira está no fato de uma escola grande, com mais de mil alunos, atendendo a estudantes do primeiro ano do ensino fundamental até o ensino médio (incluindo EJA), ter conseguido elaborar coletivamente um projeto único, orientador e estruturante de todas as atividades letivas de 2007.

- De modo geral, principalmente em escolas grandes, observamos o desenvolvimento de pequenos e vários projetos não-articulados, ao longo do ano. A experiência do Maria Pereira das Neves prova que é possível aliar a metodologia de projetos às obrigações curriculares. É possível, portanto, lecionar de outra forma que não aquela tradicionalmente observada pelas instituições de ensino - comenta a coordenadora pedagógica do projeto Educomunicar, Regina Bortolini.

A pedagogia de projetos foi também identificada como a melhor proposta para favorecer as parcerias necessárias ao desenvolvimento das atividades planejadas.

- A gente sempre tentou interagir com a comunidade, mas dessa vez ousamos mais, radicalizamos, e o resultado foi muito bom. Professores precisaram se aliar a alunos e aos demais professores para discutir as condições de vida na comunidade e achar respostas - explica a coordenadora pedagógica do colégio, Regina Dayer.

Para a coordenadora da Bem TV, Márcia Correa e Castro, é importante ressaltar que a comunicação dialoga muito bem com a pedagogia por projetos.

- A realização de um produto de mídia engloba várias etapas de construção de conhecimento. Para fazer um vídeo, um jornal ou um programa de rádio é preciso pesquisar, organizar os dados, produzir mensagens (escritas ou audiovisuais), formatá-las e disseminá-las junto a um público previamente definido de acordo com os objetivos a ser alcançados. A comunicação não é a única forma de trabalhar com projetos, mas o processo comunicativo, por si, induz a organização das atividades - diz Márcia.

A equipe do C. E. Maria Pereira das Neves concorda que a comunicação facilitou o desenvolvimento do projeto político-pedagógico da escola.

- Num dado momento, estávamos todos ali, cheios de textos, gráficos, depoimentos, um mundo de coisas, e não sabíamos como começar a organizar essas informações. A necessidade de fazer um jornal mural ajudou a gente a selecionar, montar e dar uma cara mais organizada a todo o material - exemplifica a professora de português Adriana Pimentel.

### **A pedra do caminho**

Quem trabalha em escola sabe que nem sempre as coisas acontecem como foram planejadas. No Maria Pereira das Neves não foi muito diferente.

- Fechamos o primeiro semestre com chave de ouro, mas a partir de julho foram vários os obstáculos. Houve uma greve prolongada dos funcionários, seguida por paralisações dos professores, além de muitos feriados - relembra Regina Dayer.



O levantamento de dados ocorreu como previsto, com bons resultados. Para a construção do jornal mural, no fim do segundo bimestre, os professores selecionaram e organizaram o material que seria exposto. Essa seleção foi orientada pelos objetivos do projeto político-pedagógico e também considerou a necessidade de apresentar os conteúdos de forma clara e atrativa para o leitor. A professora Adriana lembra como foi a experiência.

- Foi um momento muito rico, porque teve a participação de vários professores, cada um com o que selecionou de mais importante para ser exibido à comunidade escolar.

Vieram então as férias de julho. Na primeira semana após o retorno, começou a greve do magistério no estado do Rio de Janeiro, que durou mais de sessenta dias. Na retomada, ainda aconteceram paralisações semanais durante quatro semanas.

- O tempo ficou curto para desenvolver qualquer atividade. Aí você fica sem opção: precisa priorizar o repasse do conteúdo obrigatório - justifica a coordenadora pedagógica da escola, que, no entanto, não desistiu. - Ano que vem vamos dar continuidade à proposta - diz ela.

A professora Lícia Mascarenhas explica que esse tipo de problema faz parte da rotina escolar.

- Nos meus primeiros anos trabalhando em escola, eu ficava muito ansiosa e frustrada quando via que os projetos não caminhavam tanto quanto eu gostaria. Hoje aprendi que a gente tem que ter paciência mesmo, porque dentro de uma escola tudo tem seu tempo, tem uma dinâmica própria.

Segundo ela, as discussões do projeto não foram abandonadas, mas reduzidas no segundo semestre, pautando dois eventos que a escola tradicionalmente realiza: a exposição "Escola Aberta" (quando o colégio expõe sua produção para a comunidade) e a gincana de fim de ano, que em 2007 teve como tema "Qualidade de vida no Preventório".

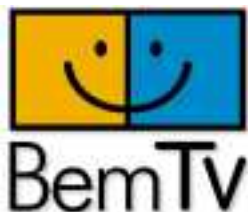
Mobilizando alunos de todas as séries e turnos, a gincana incentivou estudantes e suas famílias a conhecer mais sua comunidade. Os participantes foram solicitados a trazer o morador mais antigo do Preventório à escola e a levantar a origem dos nomes das principais ruas. Outra tarefa premiou (com pontos na gincana) as melhores fotos, textos e poesias sobre o Preventório. Os materiais ficaram expostos no mural da escola para a avaliação de todos os alunos e professores. Os melhores foram reunidos num jornal, que foi distribuído na escola inteira.

Avaliando o desenvolvimento do projeto "Qualidade de vida no Preventório", a coordenadora Regina Dayer e os professores Lícia e Cícero consideram que muitos dos objetivos foram alcançados, embora todos reconheçam a impossibilidade da finalização.

- Nós acreditamos que nossos alunos são agentes transformadores - explica Regina, e acrescenta: - O projeto de fato permitiu que eles discutissem as possibilidades e necessidades de mudança.

Para Lícia, o interesse da escola pela comunidade de seus alunos também foi um ganho.

- Nós professores passamos a nos sentir mais próximos da comunidade e dos alunos. Isso é ótimo. A comunicação entre nós melhora, e temos mais condições de fazer uma aula adequada à realidade deles.



E o que dizer para outras escolas que queiram mergulhar na realidade do seu entorno?  
- Engajamento, essa é a palavra. Engajamento dos professores, da direção e da orientação, porque, se isso não acontecer, não adianta que não existe projeto que dê conta - diz a coordenadora. Para ela, é necessário também ser flexível em relação aos conteúdos disciplinares. - Quando você consegue, enquanto professor, a parceria entre a sua matéria e a identidade do projeto, você garante ótimos resultados.

Cícero destaca o valor das parcerias.

- Eu gosto muito dessa idéia de parceria entre professores, alunos e comunidade. Segundo ele, esse é o segredo para dar conta dos desafios. - Se falta um equipamento, a ONG pode emprestar. Se é preciso lanche, é possível pedir a ajuda das mães. A escola cede espaço. Somar parceiros é somar recursos - afirma Cícero.

Lícia indica o que lhe pareceu fundamental para a realização do projeto.

- A direção precisa abrir espaços para as reuniões entre os professores, porque os projetos devem ser construções coletivas - diz, e ressalta a importância de fomentar a participação dos alunos. - Os alunos estão loucos por estímulos. Eles gostam do espaço da escola, estar na escola é muito bom, o que eles não gostam é da sala de aula. Então, é um desafio nosso criar um ambiente mais propício, mais atraente e alegre para eles - diz ela. A experiência do C. E. Maria Pereira das Neves mostra que isso é possível.

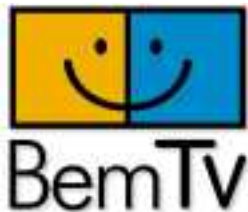
#### **Multiplicando experiências**

Cinco professoras do C. E. Maria Pereira das Neves participaram do projeto Educomunicar: Maria Alice Viestel (bibliotecária), Dirce de Oliveira (professora de Ciências), Luciana Collier (professora de educação física), Lícia Mascarenhas (professora de história) e Maria Lúcia Bogado (orientadora tecnológica). Como todas as participantes da capacitação inicial oferecida pelo projeto, elas deveriam multiplicar seu aprendizado para o conjunto da escola.

- Como no Maria Pereira todos os processos são bastante democráticos, achamos que o melhor era perguntar para os outros professores que tipo de multiplicação eles preferiam - conta Lícia Mascarenhas.

A reunião aconteceu com a ajuda da coordenação pedagógica, que convocou os profissionais da equipe. Ficou decidido que elas fariam três oficinas simultâneas de curta duração, abordando três linguagens diferentes: uso do vídeo, produção de jornal e fotografia. As três oficinas teriam cinco horas de duração e aconteceriam simultaneamente na sede da escola, durante um dia da semana de reciclagem. Três das egressas da capacitação inicial do Educomunicar ministraram as oficinas: Lícia falou sobre jornal, Luciana sobre fotografia e Maria Lúcia sobre vídeo.

Para elaborar um roteiro das oficinas de capacitação, as professoras contaram com a assessoria da Bem TV, que também emprestou equipamentos de fotografia. A escola disponibilizou recursos para compra de materiais. No dia das oficinas, cada grupo de



profissionais da escola podia optar por uma das três linguagens. Na turma de fotografia havia 12 professores, oito docentes integraram a oficina de vídeo e 13 profissionais participaram das discussões sobre fotografia, conduzidas pela professora Luciana Collier. Para ela, a experiência foi positiva.

- Senti que os professores gostaram. Fiquei um pouco nervosa, preocupada se ia dar certo ou não, se teríamos ou não todo o material, mas na hora tudo aconteceu sem problemas.

### **Criação do logotipo “Comunidade Prevê”**

O processo de criação de uma marca para o projeto “Qualidade de vida no Preventório” começou no início do mês de maio, quando convidei a designer Lê Mascarenhas, minha irmã, para dar uma “aula” para as turmas 701 e 702 sobre os desafios de sua profissão. Apesar do pouco tempo, ela conseguiu mostrar para aqueles alunos o que é um logotipo e qual a sua importância para o mundo moderno. Além disso, foi possível descortinar para eles novos horizontes profissionais por meio de seu depoimento sobre o ofício de um designer gráfico.

A partir disso, propusemos aos alunos que eles formassem duplas e criassem um logotipo para o nome Comunidade Prevê, escolhido coletivamente para abreviar e tornar “Preventório” mais interessante graficamente. Depois dessa participação para mim muito especial, propus o mesmo trabalho para as turmas 601, 602, 603, 801 e 1001 (primeiro turno). O resultado foi maravilhoso e tornou muito difícil selecionar os dez mais adequados para participarem da votação. Minha irmã também atuou diretamente nessa seleção, opinando sobre aqueles trabalhos que apresentavam as características necessárias a um logotipo.

A votação aconteceu no mês de junho, e contei com a ajuda da professora Cristiana, de matemática, que escaneou os desenhos, e das coordenadoras Regina e Edyla, que foram de sala em sala para que os trabalhos fossem escolhidos pelos alunos dos três turnos, pelos professores e pelos funcionários da escola. O logotipo, escolhido com quase quatrocentos votos, foi criado pelas alunas Elza e Stefany, da turma 603, e mostrou que a imagem da Comunidade Prevê que a maioria quer é limpa, colorida e alegre.

Lícia Gomes Mascarenhas  
Professora de história